
Desenvolvimento do turismo doméstico de montanha no entorno das principais cidades do Nepal: encosta Sul do Annapurna e Helambu

Artigo revisado por pares

Pierre Dérioz, Pranil Upadhayaya, Philippe Bachimon e Maud Loireau

Tradução : Carina Amotim Dutra

Introdução

- ¹ A parte nepalesa do Himalaia, que forma uma larga faixa contínua de pouco menos de 800 km de comprimento no Norte do país e que sozinha possui oito dos quatorze picos com altitude acima de 8.000 m, desempenhou um papel importante no desenvolvimento e codificação da prática turística de trekking (Stevens, 1983; Sacareau, 1997; Plagnol, Raspaud, 2004), e continua a ser um de seus destinos emblemáticos. O modelo de turismo implantado no Nepal a partir do final da década de 1970 tem sido objeto de inúmeros estudos, tanto em relação aos imaginários que o fundamentam, quanto em relação às práticas dos trekkers, à organização da oferta ou seus efeitos, positivos e negativos, nos territórios em questão (Adams, 1992; Sacareau, 1999; Nepal, 2000; Stevens, 2003; Nyaupane *et al.*, 2014...). Ele corresponde inicialmente a uma forma de turismo de aventura, praticado por clientelas turísticas predominantemente ocidentais¹, concentradas principalmente em três setores - grandes rotas em torno dos Annapurnas, Langtang e lagos de Gosainkund, Khumbu e caminhadas até o Everest. Se o Nepal aparece invariavelmente na oferta dos operadores turísticos ocidentais como uma espécie de paraíso para os trekkers com paisagens montanhosas imutáveis, também é claro que sua fama sempre excedeu em muito a realidade dos fluxos: apesar

do poder evocativo desta imagem, da importância do potencial do Himalaia nepalês (Zurick, 1992) e do crescimento contínuo do setor turístico desde a abertura do país², a frequência dos percursos de trekking continua bastante modesta - podemos estimar a proporção de trekkers em torno de um quarto dos 940.000 turistas estrangeiros recebidos em 2017³.

- 2 Sem dúvidas, este modelo original de turismo de trekking parece estar evoluindo desde a retomada após o retorno da paz civil e coexiste na montanha, se necessário, com outras práticas turísticas, com as quais se pode combinar (Dériz *et al.*, 2017): encurtados pelo desenvolvimento de estradas que permitem começar a trilha a partir dos pontos mais altos, os passeios têm diminuído sua duração, como o mítico passeio dos Annapurnas, de cerca de 23 dias na década de 1990 a uma semana prolongada (9 dias) atualmente. O sucesso das rotas mais curtas também reflete a mudança na demanda de clientes com tempo limitado e para os quais a caminhada é apenas um componente entre outros - importante, é claro - de sua viagem ao Nepal. Ao mesmo tempo, nas rotas mais movimentadas, os padrões de qualidade das acomodações têm melhorado cada vez mais. Outras atividades ao ar livre (caiaque, parapente, canionismo, corrida em trilha, observação da fauna, etc.) têm se desenvolvido, às vezes em combinação com o trekking ("yoga treks"), para uma clientela cada vez mais diversificada: além da clientela ocidental tradicional, algumas rotas de montanha também recebem atualmente muitos visitantes chineses⁴ e do sudeste asiático, bem como um número crescente de turistas nepaleses.
- 3 É a esse aumento recente do turismo doméstico em vales como as montanhas do Himalaia que se dedica a pesquisa, cujos primeiros resultados são apresentados nesse artigo. Partindo de observações de campo, a pesquisa propõe de imediato duas hipóteses, por um lado os turistas nepaleses são predominantemente urbanos provenientes de grandes cidades (especialmente Kathmandu e Pokhara), e por outro lado, as áreas montanhosas nas proximidades dessas grandes aglomerações revelam-se ainda mais favoráveis à implantação deste turismo doméstico, visto que a ruptura do isolamento dos vales tende a aproximá-los gradativamente - em tempo - do centro da cidade. Para os dois campos de estudo selecionados, a encosta Sul do Maciço do Annapurna ao Norte de Pokhara (vales dos rios Modi, Mardi e Seti) e o Helambu, a Nordeste de Katmandu, que mantêm ambas múltiplas relações de dependência e complementaridade com as áreas urbanizadas próximas às quais estão localizadas, as práticas turísticas são consideradas em uma perspectiva ampla, incluindo atividades recreativas, algumas das quais não envolvem necessariamente pernoite fora de casa sendo mais relevantes para excursionismo.
- 4 Após ter caracterizado rapidamente as mudanças em curso no sistema turístico nos dois "campos" mencionados acima, o artigo analisa o recente aumento do turismo doméstico, primeiramente em termos de práticas, antes de tentar extrair das numerosas entrevistas realizadas (cerca de 150) alguns ensinamentos preliminares sobre as representações culturais da montanha e as práticas recreativas nas montanhas (Debarbieux, 2001) que estão na base dessa evolução. Do ponto de vista metodológico, a pesquisa privilegiou uma abordagem interativa combinando observação de campo e entrevistas, semiestruturadas ou livres, com gestores, operadores turísticos, responsáveis locais, moradores ou turistas. Nessas trocas, as vezes planejadas (com pessoas capacitadas), às vezes circunstanciais (reuniões de campo), as questões sobre as práticas eram precisas, nas quais a abordagem das representações permaneceu

deliberadamente muito indireta (nenhuma questão direta sobre a paisagem, por exemplo). O trabalho foi muito mais extenso na encosta Sul dos Annapurnas (duas missões coletivas e dois estágios de mestrado entre 2014 e 2016, no âmbito da ANR AQAPA⁵) do que no Helambu (uma única missão, em 2018, para fins de comparação), mas o trabalho também se beneficiou em ambos os campos das contribuições de pesquisas de doutorado e missões operacionais lideradas por P.K. Upadhayaya (Upadhayaya, 2013; Dawadi, Upadhayaya, 2013).

I. Diversificação e disseminação contemporâneas de práticas turísticas em montanhas em processo de abertura

- 5 As duas zonas rurais montanhosas estudadas têm em comum a sua relativa proximidade com os dois maiores centros urbanos do país, bem como o fato de articular setores de elevada frequência ao antigo desenvolvimento turístico e outros onde esta atividade é ainda mais discreta ou mesmo quase ausente. A encosta Sul dos Annapurnas (figura 1), localizada imediatamente ao Norte de Pokhara (414.000 habitantes para a área urbana), oferece uma espécie de gradiente inverso de Oeste para Leste, a partir do vale do Modi Khola e seus afluentes na margem direita, onde algumas das rotas de trekking mais populares do país (Annapurna Base Camp trek, Poon Hill trek) são implantadas, em direção aos vales de Mardi Khola e Seti Nadi, com desenvolvimento turístico mais recente (Mardi Himal Trek) e mais limitado. Estruturado em grande parte ao redor do curso a montante do Melamchi Khola e seus afluentes, o Helambu (figura 2) começa a cerca de 20 km (em linha reta) a Nordeste da área metropolitana de Katmandu (3,4 milhões de habitantes para a área urbana), mas também oferece menos equipamento e atendimento turístico do que os lagos de Gosainkund e Langtang (terceira região do país em número de trekkers⁶), com os quais faz fronteira a Noroeste e Norte. Apenas sua parte Norte está dentro do perímetro do Parque Nacional Langtang, enquanto toda a área estudada na encosta Sul do Annapurna está incluída no ACAP (Projeto de Área de Conservação do Annapurna). Outra diferença importante é que Helambu - como o Langtang mais ao Norte - foi muito mais severamente afetado pelos efeitos do terremoto de abril de 2015 do que a encosta Sul do Annapurna, onde os danos foram limitados.

Figura 1: Mapa da área de estudo na encosta Sul do Annapurna

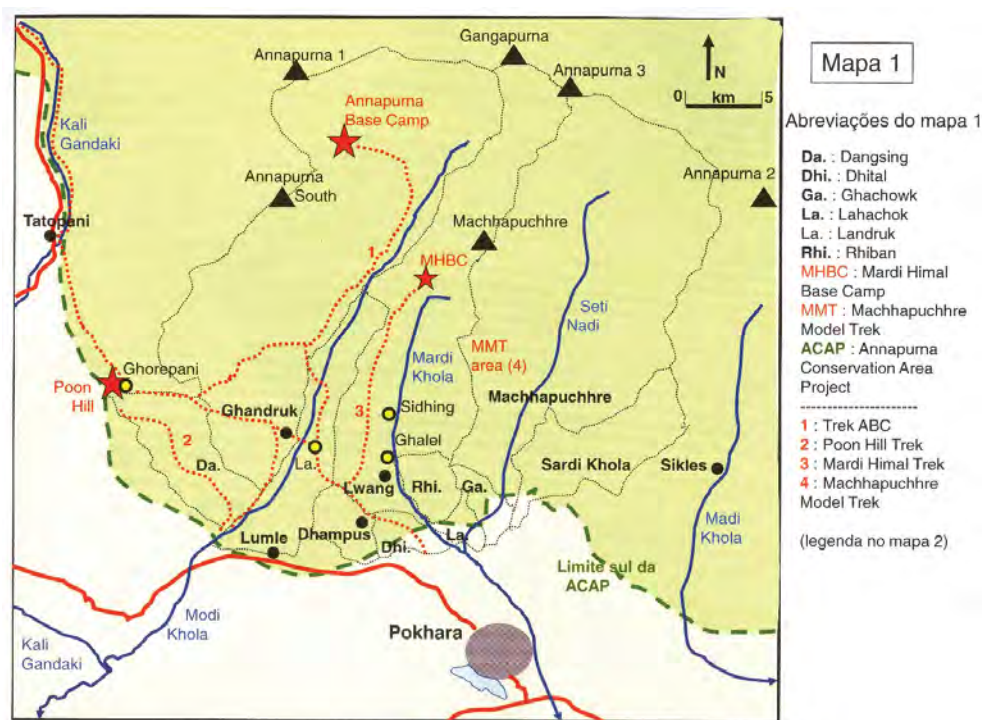
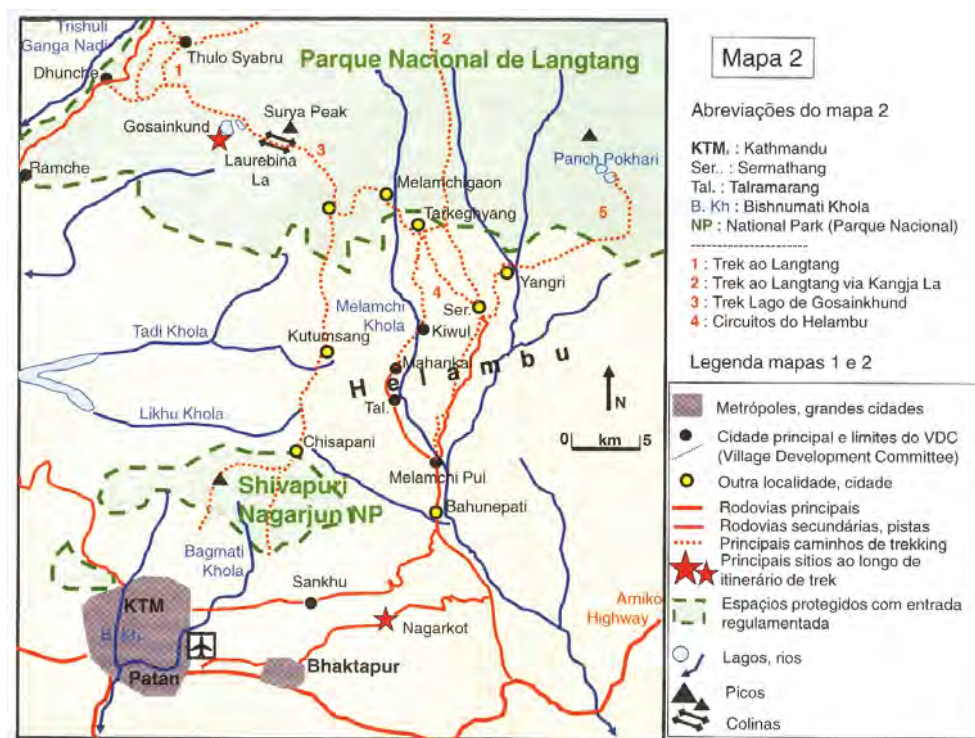


Figura 2: Mapa da área de estudo a nordeste de Kathmandu (Helambu, Langtang Sul, bacia de Melamchi Khola)



- 6 Três observações principais, comuns aos dois campos, emergem deste estudo, que se concentra nas evoluções em curso no sistema turístico. O primeiro diz respeito ao contexto local em que este sistema se articula: estes dois espaços oferecem, ambos, de

fato, a paradoxal fisionomia de territórios marcados simultaneamente pelos sinais de um declínio rural de intensidade variável, e por aqueles em uma fase ativa de melhorias nas infraestruturas de transportes e comunicações, o que parece ser as duas faces de um mesmo processo de intensificação da relação com o mundo urbano cada vez mais próximo, física e funcionalmente. Como resultado da saída em massa de jovens adultos em busca de empregos em grandes cidades (Kathmandu e Pokhara no lado de Annapurna) ou no exterior (Aubriot, Bruslé, 2012; Gurung, 2012), as aldeias de montanha estão experimentando um envelhecimento acentuado da sua população, juntamente com a feminização nos locais onde a emigração de trabalho é predominantemente masculina (encosta sul dos Annapurnas em particular, ver Kaspar, 2005; Gartaula, 2007; Stuhaut, 2013; Dérioz *et al.*, 2016). A falta de mão-de-obra levou a um aumento da agricultura extensiva ou ao seu abandono nos terrenos mais distantes ou íngremes, e ao regresso da vegetação rasteira e depois da floresta (cf. Khanal, Wanatabee, 2006 na encosta Sul do rio Annapurnas (Sikles); O'Neil, 2016, p. 21 para o Helambu. Esse processo também está parcialmente ligado à proteção da vida selvagem e às restrições de uso induzidas pelo estabelecimento de áreas protegidas (ACAP e Parque Nacional Langtang, cf. Pokharel, 2005, p. 112). Mas, ao mesmo tempo, desde que os laços não sejam rompidos, os lares operam em uma base socioeconômica dilatada e multiescalar (Aase *et al.*, 2019), incorporando transferências financeiras mais ou menos regulares enviadas pelos migrantes para a aldeia. Essas transferências facilitam o dia a dia e possibilitam investir na melhoria da habitação, da agricultura ou do turismo (Létang *et al.*, 2017)⁷.

- 7 Enquanto algumas casas de famílias estão fechadas, às vezes tornando-se o que deveria ser chamado de residências secundárias, a infraestrutura nas aldeias está progredindo (eletrificação, abastecimento de água, cobertura de telefonia móvel, etc.), especialmente nos setores turísticos voltados para atender às necessidades dos clientes, conforme já observado na década de 1990 por I. Sacareau (1999, p. 33) no vale Modi Khola. À semelhança do resto do país, mas a uma velocidade talvez maior pela proximidade com um grande centro urbano, estes espaços são também objetos de políticas ativas de abertura, cuja marca mais evidente na paisagem assim como na organização espacial está a implantação rápida de uma rede viária, à qual a extensão do desnivelamento, assim como a instabilidade e o vigor das encostas impõem importantes dificuldades (Fort, Cossart, 2011). A qualidade muitas vezes medíocre de sua linearidade, regularmente prejudicada pelo escoamento e deslizamentos de terra durante a estação das monções, tende, no entanto, a melhorar progressivamente, e novas trilhas surgem, ano após ano, para conectar as aldeias ainda isoladas. O estabelecimento de linhas regulares de ônibus (figura 3) ou serviços prestados por veículos de tração nesses percursos, bem como a facilitação geral do acesso às aldeias na encosta por motocicletas, facilitou as trocas de todo o tipo com as metrópoles vizinhas (Dawadi, Upadhyaya, 2013), mesmo para as aldeias de grande altitude. No que tange o Helambu, por exemplo, a estrada ligava Katmandu a Melamchi (900 m acima do nível do mar) em 1997, antes de chegar a Sermanthang (2.600 m acima do nível do mar) em 2008. Na encosta Sul dos Annapurnas, a trilha que vem de Pokhara alcançou o fundo do vale de Seti Nadi em 2007 e, em 2013, a aldeia de Sidhing (1700 m acima do nível do mar), logo à montante do vale Mardi Khola.

Figura 3: chegada do ônibus de Pokhara a Ghachowk (1260 m), no vale Seti Nadi



P. Dérioiz-22/4/2016

- 8 Essas novas estradas, mais ou menos transitáveis, mantêm uma relação ambivalente com as atividades turísticas (Jacquemet, Sacareau, 2016): nos locais onde elas apagam as antigas trilhas de caminhada sob seu traçado empoeirado, elas são manifestamente repulsivas para os trekkers (Bardecki, 2009). Mas com a melhora do tempo de acesso à montante dos vales e para as altas montanhas, elas facilitam o abastecimento de estruturas turísticas em altitude e possibilitam estadias mais curtas a custos mais baixos, nos locais onde, nos anos 1970-1980, era de Kathmandu mesmo que partiam alguns treks em direção a Helambu e Langtang, e Pokhara constituía para a maioria dos trekkers o ponto de partida e o ponto final da excursão do Annapurna.
- 9 Se o papel de centro organizador do turismo nas áreas montanhosas vizinhas tem sido constantemente reforçado desde então para essas duas cidades (Sacareau, 2000), hoje, essa conexão imediata de pedestres desapareceu em grande parte, embora as práticas turísticas nas montanhas diversificaram-se muito, graças a essa proximidade crescente. Esta segunda observação decorre tanto de observações em campo, de entrevistas com turistas ou prestadores de serviços, bem como de uma análise da oferta destes últimos (sites da internet). O trekking certamente mantém uma posição central, ainda predominante para a clientela estrangeira, mas a sua prática mudou consideravelmente, e o leque de atividades praticadas pelos visitantes nessas áreas se expandiu muito, alinhado às novas tendências do turismo internacional como com a diversificação de clientelas, que será discutida na parte 2. Esquematicamente, poderíamos dizer que uma grande proporção de trekkers deseja hoje obter experiências de qualidade sem sacrificar muito tempo ou reduzir muito sua necessidade de conforto: ao lado de grandes clássicos como a caminhada ABC (Annapurna Base Camp, cerca de 8 dias), as caminhadas de curta duração (cerca de uma semana, as vezes menos),

relativamente variadas (aldeias), de dificuldade moderada mas dando acesso a vistas espetaculares a partir das mais altas montanhas são populares, como a caminhada pelos platôs de Annapurna (5-6 dias, com o nascer do sol sobre os picos do Himalaia de Poon Hill (3190 m) como destaque) (figura 1 / figura 4) . Com mais de 30 pousadas e hotéis, Ghorepani, aos pés do Poon Hill, parece ser um verdadeiro *resort* de montanha (figura 5). A frequência também é grande para a caminhada Mardi Himal (cerca de uma semana, na linha do cume entre Modi Khola e Mardi Khola que vai até o Macchapucchre, frequentemente apresentado como "de exceção", o que é hoje muito relativo), ou para a caminhada Helambu (6-8 dias, que um dos operadores⁸ apresenta em seu site como "*a perfect short trek nearby Kathmandu Valley*", combinado a majestosas paisagens "naturais" e à descoberta da cultura Yolmo).

Figura 4: turistas nacionais e internacionais em Poon Hill (3.193 m), admirando o nascer do sol sobre o Annapurna



O Annapurna South, o Hiunchuli e, ao fundo à direita, Machhapuchhre. O acesso, pago, é antes do amanhecer e em fila única partindo de Ghorepani. A partir deste local altamente paisagístico (plataforma pavimentada, torre de observação de metal, bar, etc.), a vista também se desenvolve em direção ao noroeste no maciço de Dhaulagiri.

P. Dérioz-11/17/2014

Figura 5: Ghorepani, 2858 m de altitude



Ao contrário de Ghandruk, que também possui cerca de trinta pousadas e hotéis, Ghorepani (literalmente "ponto de água para cavalos") não seria propriamente uma aldeia e seu desenvolvimento está diretamente ligado ao turismo, especialmente ao sucesso do ponto de vista de Poon Hill. Todos os edifícios da fotografia são alojamentos turísticos, o mais recente em segundo plano, com os seus três pisos e dimensões maiores. O que fica no topo da colina ainda se encontrava em construção em 2014.

P. Dério-16/11/2014).

- 10 Seja qual for a sua natureza, o alojamento turístico tem se tornado nesse contexto mais do que apenas pontos de parada em percursos de trekking. Também existe o turismo de curta duração em hotel, *resort* ou *homestays*, que combina em proporções variáveis uma dimensão naturalista (estadias de *birdwatchers* no vale superior do Seti Nadi, por exemplo), uma dimensão cultural (atratividade de culturas Gurung ou Tamang ao Norte de Pokhara, Yolmo Sherpa em Helambu (Pokharel, 2005)), uma dimensão espiritual (locais sagrados e festejos religiosos, mas também locais de retiros e prática de ioga) e uma dimensão hedonística (apelo a produtos locais, bebidas e cozinha tradicional, fontes termais). Outras atividades esportivas ao ar livre tendem a se desenvolver, como o parapente ou canionismo (locais de canionismo equipados com os vales Mardi Khola e Seti Nadi), ou mesmo corrida (Maratona de Helambu, organizada pela primeira vez em 2015 e novamente realizada em outubro de 2018). No entanto, enquanto os parapentistas de Odane Hill ou os *birdwatchers* à montante do Seti Nadi são predominantemente ocidentais, os maratonistas de Helambu eram quase exclusivamente nepaleses.

II. A participação dos turistas nepaleses na diversificação contemporânea da clientela: a afirmação do turismo doméstico no Nepal que também é relativo à montanha

- 11 Na passagem gradual de uma forma de mono-atividade turística centrada na chegada de trekkers internacionais para o surgimento de um espaço recreativo mais diversificado, a terceira observação é de fato a da crescente participação conquistada pela clientela nepalesa, a qual a imprensa nacional (*My Republica*, *The Himalayan Times*, *The Rising Nepal*, *The Kathmandu Post*... cf. anexo 1) vem atribuindo espaço regularmente⁹. O fenômeno parece relativamente recente: o Nepal, um país pobre que em 2018 ocupava o 25º lugar entre os países com menor riqueza per capita (883 dólares de PIB per capita), com ainda um quarto da sua população abaixo da linha da pobreza em 2011 (fonte Banco Mundial), não era até agora um dos países asiáticos em que o surgimento do turismo doméstico havia sido destacado e analisado por estudos nos últimos vinte anos, sejam eles genéricos (Ghimire, 2001; Aramberri, 2004; Cabasset-Semedo *et al.*, 2010; Singh, 2011), ou focados em casos nacionais (Indonésia (Cabasset, 2001), Tailândia (Evrard, 2006), Índia (Sacareau, 2011), China (Wen, 1997; Wu *et al.*, 2000; Taunay, 2009; Harrison, 2016), Vietnã (Peyvel, 2009; Bui e Joliffe, 2011), Mianmar (Michalon, 2018), Malásia (Chiu *et al.*, 2015)). Muito abundante, a literatura científica sobre o turismo no Nepal ainda trata quase exclusivamente do turismo internacional (Thapa, 2004; Holden A., 2010; Paudyal, 2012; Sutihar, 2013; Nepal, 2015...), da evolução das origens e das práticas de turistas internacionais (cerca de 1,12 milhão de ingressos em 2018), dos impactos desse turismo na sociedade ou no meio ambiente e das políticas públicas voltadas ao seu desenvolvimento como um setor econômico estratégico. Com a exceção das viagens internas relacionadas com o regresso às suas famílias e aldeias de trabalhadores temporariamente ou definitivamente deixados na cidade ou no estrangeiro, e viagens motivadas pela participação em festas religiosas em lugares sagrados (romarias), a questão das viagens relacionadas ao turismo doméstico quase não foi abordada por pesquisas no Nepal, tanto nacionais quanto internacionais (Baniya, Paudel, 2016, p. 17). O tema até esteve ausente, até agora, das estatísticas nacionais de turismo.
- 12 O relatório de uma ONG britânica, no entanto, apontou em 2013 a importância desse turismo doméstico: “as viagens e o turismo doméstico representam um mercado muito significativo, mas o conhecimento sobre esse fenômeno é muito limitado. A participação do turismo nacional é estimada em 55-65% do que o PIB deve ao turismo em 2012. (...) ... ele é mal compreendido e subestimado pelo governo, agências internacionais e parte do mundo dos negócios. (...) Seria urgente suprir a falta de conhecimento sobre o turismo nacional (Jones, 2013, pp. 8, 16 e 34)¹⁰. Na verdade, embora faltem dados para documentar essa evolução, o turismo de nepaleses no Nepal parece estar crescendo continuamente desde o fim da guerra civil (1996-2006), um crescimento que muitos dos operadores entrevistados começaram a notar por volta de 2010, e que a queda drástica nas chegadas internacionais após o terremoto de 2015 tornou particularmente visível em 2016. O estado nepalês então tomou consciência desse movimento e do potencial que ele representava, ao visar explicitamente os turistas nacionais na campanha promocional do Conselho de Turismo do Nepal em 2016, depois novamente em 2018-19 (campanha “*Pahile Desh, Ani Bidesh*”, em essência “*Visite primeiro seu país antes dos países estrangeiros*”) (Neupane, 2019). No verão de

2019, o *Nepal Tourism Board* resolveu realizar uma investigação para tentar contabilizar esses fluxos domésticos, que seus serviços estimaram em 5 milhões de pessoas em 2018. Algumas obras, por fim, evocam indiretamente a existência desse turismo doméstico distinguindo em suas pesquisas, por exemplo, os atores que trabalham para o turismo internacional daqueles que trabalham para o turismo doméstico (Arai, Goto, 2017).

- 13 Essa ascensão tende a ser acompanhada por uma diversificação dos destinos domésticos e das práticas dos turistas nepaleses. Isso inclui, em particular, mais caminhadas e atividades ao ar livre, há muito consideradas prerrogativas dos ocidentais, a tal ponto que produtos específicos estão gradualmente sendo colocados em prática voltados para os nepaleses os "*domestic tour packages*" organizados por algumas agências¹¹ oferecem excursões (por exemplo, no Parque Nacional Shivapuri Nagarjun, às nascentes do Bishnumati Khola, que atravessa então Katmandu 10 km rio abaixo) a preços adequados, caminhadas curtas (2-3 dias) nas "colinas" (Cerca de 2.000 m de altitude) imediatamente Nordeste de Kathmandu (Chisapani-Nagarkot), ou mesmo caminhadas rápidas (4-5 dias: Khumbu, Lagos Gosainkund...). As paisagens naturais e as dimensões culturais, mesmo religiosas, estão intimamente ligadas ao discurso promocional dessas agências.
- 14 Nossas observações de campo na encosta Sul do maciço do Annapurna e em Helambu (Dérioz *et al.*, 2017; Létang *et al.*, 2017; Bachimon, 2017) apontam entusiasmo crescente dos nepaleses pelas montanhas do Himalaia, ainda que as proporções entre as clientelas nacionais e internacionais variem conforme o local e as atividades praticadas. Em termos de trekking, a clientela internacional parece manter-se majoritária nas principais rotas clássicas, ainda que os nepaleses sejam cada vez mais numerosos: assim a ABC trek, cujo atendimento geral foi em 2013 de 52.000 trekkers principalmente estrangeiros, recebeu nos últimos anos mais de 3.000 nepaleses por ano (fonte ACAP). Mas no vizinho Mardi Himal Trek, cuja "abertura" oficial data apenas de 2012 - tem sido um verdadeiro sucesso desde então -, a proporção de trekkers nacionais é de pelo menos metade, de acordo com as estimativas dos operadores encontrados em campo (proprietários de pousadas, guias, etc.). Entrevistas (e contagens diretas) indicaram uma proporção entre um quarto e um terço de trekkers nepaleses percorrendo Helambu Trek todo ou em parte, o que parece consistente com os dados mais recentes do Parque Nacional Langtang, apenas na região Norte, indicando no último ano fiscal (2018-19)¹² um público recorde de 21.945 visitantes, dos quais 75% são turistas internacionais e 25% nepaleses.
- 15 Na qualidade de nacionais, estes últimos se beneficiam de uma série de vantagens em relação aos trekkers estrangeiros, a começar pelo fato de falarem a mesma língua dos operadores. Isso obviamente facilita as negociações com eles, tanto sobre o preço dos serviços como sobre a disponibilidade em termos de espaço. A esse respeito, as observações de campo, entrevistas com trekkers nepaleses e ocidentais, monitoramento de fóruns e blogs na Internet¹³ e revisão de notícias na imprensa (ver anexo 1) oferecem um quadro bastante contrastante: por um lado, trekkers nepaleses se beneficiam de preços mais baixos em alimentação e acomodação, geralmente sem guias ou carregadores, isentos como nacionais de qualquer autorização de entrada em áreas protegidas (ACAP, Parque Nacional Langtang), mas às vezes considerados como clientes de segunda classe por prestadores de serviços (alojamento, transporte, etc.), que preferem clientes estrangeiros com condições financeiras mais favoráveis. Por

outro lado, a conclusão a que chegou a WTTC em seu relatório de 2017 (WTTC, 2018), deque clientes nepaleses que gastam em média mais do que os clientes estrangeiros (todas as formas de turismo combinadas, ver Investment Board Nepal, 2017¹⁴), constatação corroborada pelos relatos de trekkers europeus autônomos (fora de grupos organizados), que as vezes tinham dificuldades para encontrar acomodação em aldeias-etapa muito movimentadas (Gandhruk, Ghorepani...) locais onde grupos nepaleses pareciam encontrar acomodação sem dificuldade. O paradoxo é provavelmente apenas aparente e pode ser lido de duas - ou mesmo três - maneiras diferentes. Ainda que indubitavelmente reflita a fase de emergência do turismo nacional, gradualmente reconhecida pelos operadores à luz do potencial que representa, corresponde também à diversidade econômica interna das clientelas internacionais (jovens trekkers autônomos com orçamento restritos versus grupos apoiados por uma agência), bem como clientelas nacionais (grupos de estudantes ou jovens trabalhadores versus famílias, amigos ou grupos profissionais da classe média alta). Essas formas de discriminação parecem ocorrer apenas quando o atendimento flerta com os limites da capacidade de acomodação, ou seja, nas rotas mais populares (incluindo a caminhada pelos Pool Hill trek do Annapurna, um dos melhores exemplos). Embora a maioria dos visitantes nepaleses pertença a uma crescente “classe média” urbana, a escolha de acomodação também reflete essas diferenças de meios. As vezes iniciados nas montanhas por meio de viagens ou viagens escolares que tendem a aumentar em número, estudantes ou jovens trabalhadores, quando possível, preferem os *homestays*, ou mesmo a hospedagem em casa de habitantes, menos caras do que *lodges*, *resorts* e hotéis, que são preferidos por famílias ou grupos de amigos mais favorecidos.

- 16 Se os nepaleses preferem mais ou menos as mesmas estações que os turistas internacionais para suas incursões nas montanhas (primavera e outono, um pouco mais numerosos do que os estrangeiros no inverno), sua prática se distingue pela leveza da bagagem (bolsas mais leves, equipamentos menos sofisticados), auto-organização e velocidade (caminhada rápida, etapas mais longas, durações de caminhada mais curtas (2-3 dias) (figura 6). Proximidade e facilidade de acesso, que as novas rotas têm desenvolvido na encosta sul dos Annapurnas como em Helambu, são fatores-chave de sua chegada (Neupane, 2019), mesmo que seu entusiasmo por regiões menos facilmente acessíveis (Lago Rara, Mustang), por períodos ligeiramente mais longos, também pareça atestado há dois ou três anos, em proporções menores. Além do trekking, outras atividades ao ar livre também são favorecidas: no vale Mardi Khola, os jovens nepaleses, por exemplo, representavam a esmagadora maioria da frequência do único sítio de canionismo equipado para essa prática em 2014¹⁵ (cerca de 1.500 clientes nacionais para menos de cinquenta estrangeiros nesse mesmo ano, segundo um dos guias de canionismo). A ligação rodoviária direta com Pokhara por uma linha regular de ônibus desempenha um papel importante aqui, onde a necessidade de obter uma autorização de entrada a um preço fixo para qualquer entrada no ACAP (independentemente do tempo gasto lá) inibe o comparecimento internacional para este tipo de atividade diurna. O problema é exatamente o mesmo quando se trata de tomar banho nas fontes termais de Kharpani, a montante do Seti Nadi, com a diferença que a idade média da clientela nepalesa que faz a viagem de retorno de ônibus ou motocicleta de Pokhara é significativamente maior (Dériz et al., 2017).

Figura 6: Dois jovens caminhantes nepaleses, com equipamento leve, escalando em ritmo acelerado do Ghandruk ao Tadapani.



A breve troca de informações com eles apenas revelou que haviam vindo de Pokhara de motocicleta para uma caminhada de três dias, passando notadamente por Poon Hill

P. Dério-z-18/11/2014

- 17 Essa proximidade favorece também os habitantes das cidades nepalesas, muitas vezes em grupos, com um claro predomínio masculino, curtas estadias relaxantes (férias, descanso semanal...) em aldeias com capacidade suficiente: para os sessenta motociclistas encontrados no final de outubro de 2018 em Chisapani (margem Sudoeste de Helambu), onde vinham simplesmente passar a tarde e a noite, o alojamento se deu em um hotel. Mas no vale Mardi Khola (Lwang, Sidhing, Tokro, etc.) ou Seti Nadi (Mirsa, Khabre), a recepção ocorreu principalmente em *homestay* (Létang *et al.*, 2017), e aqui novamente os nacionais são majoritários: dos 2.262 clientes recebidos entre 2009 e 2014 nas *homestay* de Lwang, 4/5 eram nepaleses (figura 7). Proporções semelhantes são evocadas para outras aldeias que também desenvolveram programas de acomodação comunitária com os habitantes, como Sirubari¹⁶, nas colinas a Sudoeste de Pokhara (distrito de Syangja) ou Ghalegaon (encosta sudeste do Maciçodos Annapurnas). O número total de visitantes a todas estas aldeias, que varia em função do local de cálculo, permanece, no entanto, na ordem de algumas centenas de visitantes por ano, ou seja, um atendimento local suficiente para apoiar uma atividade econômica plena, mas nunca a ponto de se poder falar em especialização turística.

Figura 7: camas dentro de uma casa de família em Khabre (à montante do vale Seti Nadi)



P. Dérioiz-24/11/2014

III. Representações culturais da paisagem montanhosa: esboço de uma estrutura de pesquisa para a clientela nepalesa

- 18 Dada a combinação social e nacional entre clientelas, turistas nepaleses e turistas internacionais se cruzam, em proporções variáveis, para a maioria dessas atividades, na maior parte dos lugares. Eles compartilham a mesma acomodação, tomam as mesmas rotas. Mas será que o fato de nacionais e estrangeiros compartilharem mais ou menos um certo número de práticas reflete, no entanto, uma convergência de representações sociais que fundamentam as atividades de ambos? O desdobramento histórico do imaginário desenvolvido pelos ocidentais acerca das montanhas do Himalaia e/ou a prática do trekking foi documentado por inúmeros estudos, que analisam a articulação entre diferentes componentes representacionais (Sacareau, 2010): a transposição do “olhar” da paisagem ocidental e das culturas europeias ou americanas de caminhada nas montanhas mediante o gigantismo das paisagens do Himalaia ; o eco heróico aos grandes capítulos da exploração da cadeia, desde as expedições coloniais à conquista dos "8000", passando pelas buscas mais íntimas de uma Alexandra David-Neel ou de um Peter Mathiessen; a atração por regiões há muito escondidas ou proibidas (o mito de Shangri-La, mito da autenticidade absoluta pelo prisma da sua interpretação turística); a atração generalizada por espiritualidades orientais (especialmente budistas) e a encarnação do sagrado na paisagem montanhosa, que se associa muito bem com a ascese do exercício físico de caminhar - "o corpo como mediador no seio de uma natureza santificada e patrimonializada", afirma I. Sacareau (2010). O ambiente, a

dificuldade e o comprometimento físico permitem ao trekker absorver um pouco do sentimento elitista de verdadeiros aventureiros e montanhistas (Beedie & Hudson, 2003), e incorporá-lo à “narrativa” de sua experiência (Ladwein, 2005), que a inserção nas redes sociais permite agora uma exposição instantânea (Jacquemet, 2017).

- 19 O universo mental tradicional das populações locais, como pode ser analisado especificamente para determinados grupos étnicos como os Tamangs (Smadja, 2003) ou os Yolmo Sherpas (Torri, 2019), é obviamente bem diferente, e isso também participa de maneira confusa do imaginário acerca da destinação. Mas e as motivações e representações da montanha por turistas nepaleses de Katmandu ou Pokhara? De que fontes se alimentam e o que têm em comum com aquelas dos turistas estrangeiros¹⁷?
- 20 Alguns elementos de respostas preliminares surgem de observações e entrevistas em campo e também de trabalhos documentais, que aqui compartilhamos com toda a cautela imposta pelos métodos de uma pesquisa ainda exploratória, mas suficiente para mostrar como a amplitude do alcance das representações de um indivíduo para outro dentro da mesma categoria de clientela deve evitar qualquer esquematismo: bastante perceptível na fala desse trekker alemão de 50 anos acostumado ao Nepal e que veio “testar” o Mardi Himal Trek de forma autônoma (abril 2016), o imaginário complexo que acabamos de citar apareceu com muito menos clareza, diluído em uma forma de consumo turístico menos específico e menos reflexivo, por este grupo de jovens franceses em caminhada com a UCPA, encontrados em Landruk (novembro de 2014). Obviamente, essas lacunas também existem entre a clientela nepalesa, por exemplo, entre jovens praticantes de canionismo e famílias urbanas que vêm descansar em *homestays*. O estudo pioneiro de Baniya e Paudel (2016) sobre as motivações dos turistas domésticos nepaleses destaca a preeminência dos fatores motivacionais internos (“*push factors*”), no topo dos quais a necessidade de romper com a vida cotidiana, relaxar e fazer várias descobertas turísticas, sobre os fatores de atratividade (“*pull factors*”) em que a facilidade de acesso e os custos vêm em primeiro lugar, e nos quais as motivações culturais e históricas prevalecem sobre o desejo de aventura e natureza. Na medida em que suas pesquisas abarcam todas as modalidades de turismo doméstico, podemos, portanto, considerar que aqueles que optaram pela montanha, e possivelmente pelo trekking como forma de descoberta, correspondem a um segmento específico, não majoritário entre os clientes domésticos, para os quais os destinos favoritos continuam sendo o Vale de Kathmandu, Lumbini, Chitwan (e mais recentemente Pokhara). Mas podemos assinalar aqui o papel essencial desempenhado pelos efeitos de proximidade (descritos em detalhes para os dois campos estudados neste artigo) e o interesse pela dimensão cultural.
- 21 Os representantes - eles próprios sendo diversos - deste segmento partilham em primeiro lugar com a clientela estrangeira a atração pelas vistas de paisagens da mais alta montanha, que geralmente desempenham um papel importante na escolha dos seus objetivos e na sua prática (busca de pontos de vista, fotografia). No entanto, se todos concordam com a grandeza dos panoramas e seu valor estético - embora os critérios e referências subjacentes a esse valor não sejam necessariamente os mesmos¹⁸ - dois componentes específicos são encontrados nas palavras e atitudes dos turistas nepaleses. Em um país onde o divino e o sagrado marcam a paisagem (Leconte-Tilouine, 2003), a dimensão religiosa está quase sempre presente na interpretação da paisagem. Pode ser decisivo na escolha do destino (a caminhada também é vivida como uma peregrinação, por exemplo aos lagos de Gosainkund para os hindus, ou à caverna de

Milarepa (Tarkeghyang) para os budistas... A menos que a peregrinação assuma a forma de uma caminhada). Mesmo que o aspecto religioso ou espiritual não seja a motivação primária da caminhada, o fato de ter em vista a elegante silhueta de Macchapucchre, residência emblemática de Shiva proibida aos escaladores, nunca será indiferente àqueles que seguem o cume em direção ao acampamento base Mardi Himal. Muitos são também os que expressam um sentimento de orgulho nacional perante estas paisagens que atraem visitantes de todo o mundo, tanto entre os operadores como entre os trekkers nepaleses. Assim, entre esses jovens ativos de Katmandu que desfraldam sua bandeira nacional e estendem seu bastão de selfie para se juntarem a um grupo tendo como pano de fundo Ganesh Himal a partir da colina de Laurebina (figura 8), o elo religioso com o lago sagrado cavado por Shiva em pessoa, o apego à nação e a postura do turista urbano de um mundo globalizado se articulam sem se contradizer, em uma dessas inúmeras formas de "negociação" mental (Nepal, 2015), ou "arranjo" cognitivo (Létang *et al.*, 2017) por meio dos quais se dão as evoluções da sociedade nepalesa contemporânea.

Figura 8: Um jovem trekker nepalês acenando sua bandeira nacional em Lauribina (4610 m)



Um jovem trekker nepalês acenando sua bandeira nacional em Lauribina (4610 m), acima dos lagos sagrados de Gosainkund, com o Surya kund (lago de Surya, deus do sol no hinduísmo)

P. Bachimon-10/23/2018

- 22 A segunda constatação importante, que se refere mais às clientelas familiares mais orientadas para as *homestays*, é a de uma forma de atração pelas raízes rurais do país, que se articula com o desejo de "desligar-se da tomada, de se aproximar do verde" (retomando as palavras de um diretor de agência de trekking de Pokhara) identificado por Baniya e Paudel (2016), e que se manifesta de diferentes formas. Faz parte dele o interesse pela cultura de certas etnias serranas, evidenciado pela forte frequência doméstica das aldeias que a encenam. O responsável pela ACAP da aldeia guring de

Ghandruk estimou em outubro de 2014 uma frequência anual de 80.000 visitantes nepaleses, incluindo uma boa proporção de estudantes e crianças em idade escolar, e pouco mais de 10.000 caminhantes para além desse total, mesmo se a vista das montanhas fazia parte das expectativas. Outros vieram para festejos¹⁹ ou apenas por um fim de semana, geralmente em grandes grupos familiares, entre os quais nem todos vão se dirigir para as linhas do cume. Mas o objetivo principal é então recarregar as baterias em um ambiente mais natural, se reconectar com a comida tradicional de qualidade e subir mirantes não muito distantes (porque o tempo costuma ser curto) para contemplar as montanhas mais de perto, fotografá-la e fotografar-se ao lado delas. Todos os responsáveis pelas *Homestays* enfatizam a importância de cozinhar para seus clientes - às vezes também sobre o consumo de Rakshi (álcool de arroz) - em seu desejo de descanso, "bom ar" e práticas "saudáveis" (um pouco de caminhada, natação nas fontes termais que fazem tanto sucesso nas homestays de Mirsa), e até o interesse pela aldeia e pelo trabalho no campo, que também costumam ser fotografados (figura 9).

Figura 9: Casal de turistas nepaleses, hospedado em uma *homestay*, tirando uma foto de si mesmo meio aos jardins de chá da comunidade de Lwang (vale Mardi Khola)



Casal de turistas nepaleses, hospedado em uma *homestay*, tirando uma foto de si mesmo meio aos jardins de chá da comunidade de Lwang (vale Mardi Khola), que os moradores sistematicamente recomendam visitar. O fotógrafo orientou-se de forma a obter a Machhapuchhre em segundo plano.

P. Dério - 11/21/2014

Conclusão

- 23 Há, sem dúvida, elementos não alcançados nos resultados ainda muito parciais relatados neste artigo. A "operação turística" econômica e cultural (Gauché *et al.*, 2019) sobre a qual incide o programa de pesquisa do qual eles vieram foi originalmente prevista principalmente, no que diz respeito ao Himalaia nepalês, entre populações locais e

turistas na sua maioria estrangeiros (incluindo ocidentais), com particular atenção dedicada às posições mediadoras dos vários fornecedores de turismo nos potenciais processos de “hibridização” (Sacareau, 2011) das representações culturais uns dos outros. Na ausência de fontes bibliográficas sobre o assunto, a observação de campo da forte presença de turistas nepaleses nas montanhas não era realmente esperada. Então demorou um pouco para incorporar essa dimensão na pesquisa e medir sua importância. A análise do fenômeno, para a qual este artigo pretende lançar algumas bases e à qual será consagrada uma tese de doutorado, está, portanto, apenas no início.

- 24 No rápido surgimento - cerca de dez anos - desse turismo doméstico, que procede ao mesmo tempo de antigos legados (por ênfase na parte “recreativa” das peregrinações, por exemplo, cf. Bleie, 2003; Gladstone, 2005) e mecanismos (observados alhures) ligados ao poder crescente de uma classe média urbana, o entrelaçamento de clientelas nacionais e internacionais nas mesmas áreas é forte, com proporção variável dependendo do lugar e da forma de turismo. Quer se trate de turismo cultural, turismo “verde”, trekking ou outras atividades ao ar livre, a relação econômica entre nepaleses e estrangeiros às vezes também atrapalha o prognóstico. Quanto aos respectivos imaginários subjacentes, cada um em toda a sua diversidade, obviamente não se baseiam nas mesmas referências, mas isso não os impede de serem muitas vezes convergentes, por exemplo no valor atribuído às paisagens da alta montanha. O recente surgimento de um Nimal Purja na lenda da conquista do Himalaia, com sua subida de 14 picos de mais de oito mil metros em seis meses²⁰, façanha gerencial tanto quanto esportiva veiculada fortemente nas redes sociais e na imprensa nacional, participa desta reapropriação pelos nepaleses de suas montanhas.
- 25 A atual crise de saúde, ao privar novamente o Nepal, cinco anos após o terremoto de 2015, de seus clientes estrangeiros, é certamente um duro golpe para o seu setor de turismo, mas também reforça a constatação da necessidade para a economia nacional de um importante turismo doméstico. Uma série de atores no mundo do turismo, na administração (Nepal Tourism Board) ou no setor privado também estão fazendo campanha ativamente para que o Estado atue em várias frentes (isenção de impostos para viagens turísticas dentro do país, expansão de períodos de licença, promoção direcionada, etc.) para promover o seu desenvolvimento. Dado que a crise mais uma vez pareceu acelerar a sensibilização, o financiamento de licenças turísticas de funcionários públicos foi assim incorporado no final de maio ao orçamento provisório para o novo ano fiscal de 2020-2021 (cf. anexo 1, última entrada).

BIBLIOGRAFIA

- Aase, T.H., Chapagain, P., Dangal, H. (2019), “Multi-sited Himalayan households and the misleading rural-urban dichotomy, *Area*, 2019-51, pp. 174-181. online: <https://doi.org/10.1111/area/12450>
- Adams, V. (1992), “Tourisme and Sherpa, Népal. Reconstruction of Reciprocity”, *Annals of Tourism Research*, vol. 19, pp. 534-554.

Aubriot, O., Bruslé, T. (2012), « Agriculture paysanne népalaise et phénomènes migratoires : de la complémentarité à la rupture des liens ? », Presses de Sciences Po | *Autrepart*, n° 62 (2012-3), pp. 141-158. en ligne : <http://www.cairn.info/revue-autrepart-2012-3-page-141.htm>

Aramberri, J. (2004), "Domestic tourism in Asia: some ruffle and flourish for a neglected relation", *Tourism and Recreation Research*, vol. 29, n° 2, pp. 1-11.

Arai, T., Goto, M. (2017), "A Survey on Present Tourism in Nepal and Its Ripple Effects on Other Industries", *Environment and Ecology Research*, 5(7), pp. 467-475. online: <http://www.hrpub.org/download/20171030/EER1-14010010.pdf>

Bachimon, P. (2017), « Etude de cas : le trekking des Français au Népal, une niche touristique liée à l'humanitaire », in T. Merle (coord.), *Les espaces du tourisme et des loisirs*, coll. Clefs Concours - Géographie, éd. Atlande, pp. 174-178.

Baniya, R., Paudel, K. (2016), "An Analysis of Push and Pull Travel Motivations of Domestic Tourists in Nepal", *Journal of Management and Development Studies*, vol. 27, pp.16-30 online : <http://nasc.org.np>

Bardecki, M.K. (2009), "The Impact on Commercial Activity of Road Construction in the Annapurna Conservation Area, Nepal", *Himalayan Journal of Development and Democracy*, 4(1), pp. 16-22.

online:https://www.researchgate.net/publication/261403002_The_impact_on_commercial_activity_of_road_construction_in_the_Annapurna_Conservation_Area_Nepal

Beedie, P., Hudson, S. (2003), "Emergence of mountain based adventure tourism", *Annals of Tourism Research*, Vol. 30, n°3, pp. 625-643.

Bleie, T. (2003), "Pilgrim Tourism in the Central Himalayas. The Case of Manakamana Temple in Gorkha, Nepal", *Mountain Research and Development*, Vol 23, n°2, pp. 177-184. online: <https://bioone.org/journals/Mountain-Research-and-Development/volume-23/issue-2/0276-4741%282003%29023%5B0177:PTITCH%5D2.0.CO;2/Pilgrim-Tourism-in-the-Central-Himalayas/10.1659/0276-4741%282003%29023%5B0177:PTITCH%5D2.0.CO;2.full>

Bui, H.T., Jolliffe, L. (2011), "Vietnamese Domestic Tourism: An Investigation of Travel Motivations", *ASEAS - Austrian Journal of South-East Asian Studies*, vol.4, n°1, pp. 10-29. [online: <https://www.tde-journal.org/index.php/aseas/article/view/2506>]

Cabasset, C. (2001), *Indonésie, le tourisme au service de l'unité nationale ?*, thèse de géographie, Paris 4.

Cabasset-Sémédo, C., Peyvel, E., Sacareau, I., Taunay, B. (2010), « De la visibilité à la lisibilité: le tourisme domestique en Asie. Quelques réflexions à partir des cas chinois, indiens, indonésiens et vietnamiens », in *Espace, Population, Sociétés*, n° 2-3, pp. 221-235.

Chiu, L.K., Ramli, K.I., Yusof, N.S., Ting, C.S. (2015), "Examining Young Malaysians Travel Behaviour and Expenditure Patterns in Domestic Tourism", *Asian Social Science*, Vol. 11, n° 9, pp. 77-88. online : <http://repo.uum.edu.my/16465/1/82.pdf>

Dawadi, B.R., Upadhayaya, P.K. (2013), "Role of Tourism in Urban-Rural Integration: Reflexions from Trekking (Adventure) Tourism in Pokhara", in B.R. Upreti, P.K. Upadhayaya & T. Sapkota eds, *Tourism in Pokhara. Issues, Trends and Future Prospects for Peace and Prosperity*, chap. 11, Pokhara Tourism Council, NCCR North-South, Nepal Center for Contemporary Research, Kathmandu, pp. 251-287.

- Debarbieux B., 2001. « Les montagnes : représentations et constructions culturelles », in Y. Veyret (dir.) *Les montagnes : discours et enjeux géographiques*, Sedes. en ligne : <http://archive-ouverte.unige.ch/unige:3976>
- Dérior, P., Upadhayaya, P.K., Loireau, M., Bachimon, P., Le Noac'h, J., Létang, M. (2016), « Emigration masculine et développement touristique en versant sud du massif des Annapurna (Népal) : les femmes à la manœuvre », *Echogéo*, n°37, « Femmes et migrations : celles qui restent », coord. G. Cortès. en ligne : <http://echogeo.revues.org/14724>
- Dérior, P., Létang, M., Bachimon, P., Upadhayaya, P.K., Loireau, M., Le Noac'h, J. (2017), « Diversification touristique, démarches innovantes et changement social en versant sud des Annapurna. Quelle place pour les femmes ? », *Les Carnets du Labex ITEM*, Actes du colloque international : *La montagne, territoire d'innovation*, Grenoble, 11-13 janvier 2017 en ligne : <https://labexitem.hypotheses.org/486#more-486>
- Evrard, O. (2006), « L'exotique et le domestique : tourisme national dans les pays du Sud : réflexions depuis la Thaïlande », in A. Doquet et S. Le Menestrel S. (éd.), *Tourisme culturel, réseaux et recompositions sociales*, *Autrepart*, 40, pp. 151-167. en ligne : <https://www.cairn.info/revue-autrepart-2006-4-page-151.htm>
- Fort, M., Cossart, E. (2011), « Aléas naturels et menaces sur les axes de communication en Himalaya du Népal : la vallée de la moyenne Kali Gandaki ». *BAGF - Géographies*, n°2011-1, pp. 35-55.
- Gartaula, H.-N. (2007), "Gendered Impact of Male Out-migration in Rural Households: A short review of literature", *The Thesis Abstract online*, Sociology of Consumers and Households, Department of Social Sciences, Wageningen University. en ligne : http://www.thesisabstracts.com/ThesisAbstract_323_Gendered-Impact-of-Male-Out-migration-in-Rural-Households-A-shortreview-of-literature.html
- Gauché, E., Déry, S., Dérior, P., Ducourtieux, O., Germaine, M-A., Landy, F., Loireau, M., Verdelli, L. (2019), « Culture du paysage, gouvernance territoriale et mise en tourisme dans des montagnes rurales de l'Asie méridionale (Népal, Inde, Chine, Laos, Vietnam) », *Développement Durable et Territoires*, vol. 10, n°2, « Le paysage comme instrument de gouvernance territoriale : entre expérimentation, critique et capacités institutionnelles », coord. M.J. Fortin, A. Sgard, M. Franchomme. en ligne : <https://journals.openedition.org/developpementdurable/14449>
- Ghimire, K. (dir.) (2001), *The Native tourism: Mass Tourism within Developing Countries*, Eartscan, London.
- Gladstone, D.L., (2005), *From Pilgrimage to Package Tour-Travel and tourism in the Third World*, Routledge, NewYork.
- Gurung, Y.-B. (2012), Migration From Rural Nepal: A Social Exclusion Framework. *Himalaya, the Journal of the Association for Nepal and Himalayan Studies*, vol. 31: n° 1, article 12. en ligne : <http://digitalcommons.macalester.edu/himalaya/vol31/iss1/12>
- Harrison, D. (2016), "Looking East but learning from the West? Mass Tourism and Emerging Nations", *Asian Journal of Tourism Research*, Vol. 1, n°2, pp. 1-36. online: <https://core.ac.uk/download/pdf/131241885.pdf>
- Holden, A. (2010), "Exploring Stakeholders' Perceptions of Sustainable Tourism Development in the Annapurna Conservation Area: Issues and Challenge", *Tourism and Hospitality Planning and Development*, vol. 7, n°4, pp. 337-351.

Investment Board Nepal (2017), *Tourism: sector profile*, Government of Nepal, Office of the Investment Board / Ministry of Industry, Kathmandu.

Jacquemet, E., Sacareau, I. (2016). « L'avion, la route et le trekkeur: accessibilité et développement touristique dans l'Himalaya du Népal », *Géotransports*, Commission de Géographie des Transports, *Transports et Tourisme: rapports-mobilités-territoires*, pp. 23-42. en ligne : <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01551036/document>

Jacquemet, E. (2017), « Pourquoi vient-on voir l'Everest ? Représentations collectives et pratiques touristiques dans la région du Khumbu », *Journal of Alpine Research / Revue de géographie alpine*, n° 105-3 En ligne : <http://journals.openedition.org/rga/3834>

Jones, H. (2013), *Entry points for developing tourism in Nepal. What can be done to address constraints to inclusive growth?*, Overseas Development Institute, London.

Kaspar, H. (2005), *"I am the Household Head now!" Gender Aspects of Out-migration for Labour in Nepal*. Nepal Institute of Development Studies (NIDS) / Swiss National Centre for Competence in Research (NCCR) North-South. en ligne : http://www.academia.edu/1846026/I_am_the_Head_of_the_Household_now_Gender_Aspects_of_Out-Migration_for_Labour_in_Nepal

Khanal, N.-R., Watanabe, T. (2006), Abandonment of Agricultural Land and Its Consequences. A Case Study in the Sikles Area, Gandaki Basin, Nepal Himalaya. *Mountain Research and Development*, vol. 26, n° 1, pp. 32-40.

en ligne : <http://www.bioone.org/doi/pdf/10.1659/0276-4741%282006%29026%5B0032%3AAOALAI%5D2.0.CO%3B2>

Ladwein, R. (2005), « L'expérience de consommation, la mise en récit de soi et la construction identitaire : le cas du trekking », *Management & Avenir*, 2005/3 (n° 5), pp. 105-118. en ligne : <http://www.cairn.info/revue-management-et-avenir-2005-3-page-105.html>

Leconte-Tilouine, M. (2003), « Le paysage népalais, exégèse et appropriation du pays », in J. Smadja (dir.), *Histoire et devenir des paysages en Himalaya népalais. Représentations des milieux et gestion des ressources au Népal et au Ladakh*, pp. 166-196.

Létang, M., Dérizot, P., Le Noac'h, J. (2017), « Développement touristique, approches patrimoniales et arrangements sociaux en versant sud des Annapurna (Népal) », *BAGF – Géographies*, n° 2017-2, coord. par B. Thibaud & R. Bénos, *Paysanneries et patrimonialisation dans les Suds. Ressources, conflits, arrangements*, pp. 306-329.

Michalon, M. (2018), "Domestic Tourism and its spatiality in Myanmar: a dynamic and geographical vision", *Asian Journal of Tourism Research*, Centre for Asian Tourism Research, 2018-3 (1), pp. 116-158.

Nepal, S.K. (2000), "Tourism in Protected Areas: The Nepalese Himalaya", *Annals of Tourism Research*, vol. 27, n° 3, pp. 661-681.

Nepal, S.K. (2015), "Irish pubs and dream cafes: tourism, tradition and modernity in Nepal's Khumbu (Everest) region", *Tourism Recreation Research*, 40:2, pp. 248-261. online: <http://dx.doi.org/10.1080/02508281.2015.1047625>

Nyaupane, G.P., Lew, A.A., Tatsugawa, K. (2014), "Perceptions of trekking tourism and social and environmental change in Nepal's Himalayas", *Tourism Geographies*, 16:3, pp. 415-437 online: <https://doi.org/10.1080/14616688.2014.942233>

- Neupane, P.C. (2019), "Destination Management: Nepalese Efforts, Experiences & Challenges", *The Gaze Journal of Tourism and Hospitality*, n°10, pp. 51-66. online : <https://www.nepjol.info/index.php/GAZE/article/view/22777>
- O'Neil, T. (2016), *The Heart of Helambu: Ethnography and Entanglement in Nepal*, coll. Anthropological Horizons, University of Toronto Press, (friches et vieillissement p. 21).
- Paudyal, S.R. (2012), "Does tourism really matter for economic growth? Evidence from Nepal" *Nepal Rastra Bank Economic Review*, vol 24, pp. 58-89.
- [online: https://www.academia.edu/3856846/Economic_Contribution_of_Tourism_in_Nepal_revised]
- Peyvel, E. (2009), *L'émergence du tourisme domestique au Viêt Nam : lieux, pratiques, et imaginaires*, thèse de doctorat de géographie, Université Paris 4.
- Plagnol, G., Raspaud, M. (2004), « Le tourisme sportif dans les Himalayas. Naissance, structuration et sens du voyage occidental vers les plus hautes montagnes du monde », in C. Sobry (dir.), *Le tourisme sportif*, Presses Universitaires du Septentrion, collection "Sport et sciences sociales", Villeneuve d'Ascq, pp. 73-102.
- Pokharel, B. (2005), "Adaptation and identity of Yolmo", *Occasional Papers in Sociology and Anthropology*, vol. 9, pp. 91-119. online: <https://doi.org/10.3126/opsa.v9i0.1137>
- Sacareau, I. (1997), *Porteur de l'Himalaya, le trekking au Népal*, Belin, coll. Mappemonde, Paris.
- Sacareau, I. (1999), « Les transformations d'une haute montagne par le tourisme : le massif des Annapurna dans l'Himalaya du Népal », *Annales de Géographie*, n°605, Armand Colin, pp. 21-45.
- Sacareau, I. (2000), « Mise en tourisme et dynamique spatiale au Népal », *Mappemonde*, n°58 (2000-2), pp. 12-16. en ligne : <https://www.mgm.fr/PUB/Mappemonde/M200/Sacareau.pdf>
- Sacareau, I. (2010), « Quand la nature déplace les hommes : marcher dans l'Himalaya, imaginaires et pratiques » in *Quand la nature déplace les hommes, séminaire de recherches interdisciplinaires*, UMR8185 ENec, Paris, Juin 2010. en ligne : https://www.researchgate.net/profile/Isabelle_Sacareau/publication/276918632_Quand_la_nature_deplace_les_hommes_Marcher_dans_l'Himalaya_imaginaires_et_pratiques/links/555b693908a5ac22323cdc/Quand-la-nature-deplace-les-hommes-Marcher-dans-l'Himalaya-imaginaires-et-pratiques.pdf
- Sacareau, I. (2011), « La diffusion du tourisme dans les sociétés non occidentales, entre imitation et hybridation, l'exemple de la fréquentation de la montagne himalayenne par les touristes indiens », in Duhamel P. et Kadri B., « Tourisme et mondialisation », *Mondes du Tourisme*, hors série, pp. 310-317.
- Sedai, R.C. (2011), Tourist Accommodation Facilities in the Major Tourist Areas of Nepal, *Nepal Tourism & Development Review*, vol. 1, n°1, pp. 102-123.
- Singh, S. (Ed.) (2011), *Domestic Tourism in Asia: Diversity and Divergence*, Earthscan Ltd.
- Smadja, J. (2003), « Une lecture du territoire et du paysage de Tamang de Salmé », in J. Smadja (dir.), *Histoire et devenir des paysages en Himalaya népalais. Représentations des milieux et gestion des ressources au Népal et au Ladakh*, pp. 197-235.
- Stevens, S. (1983), "Tourism and Development in Nepal", *KAS Paper*, n°8, pp. 523-538. online: http://digitalassets.lib.berkeley.edu/anthpubs/ucb/text/kas067_068-011.pdf

- Stevens, S. (2003), "Tourism and deforestation in the Mt Everest region of Nepal", *The Geographical Journal*, vol. 169 – n°3, pp. 255–277.
- Stuhaug, L. U. (2013), *Migration and Rural Livelihoods in a Himalayan Village. The impact of migration on individual households and community development in Nepal*. Department of Geography, University of Bergen, en ligne : <http://bora.uib.no/bitstream/handle/1956/7287/106812451.pdf?sequence=1>
- Sutihar, D. N. (2013), "An Analysis of Religious Tourist Growth in Nepal", *Economic Literature*, 11, pp. 20-25. online : <https://doi.org/10.3126/el.v11i0.14861>
- Taunay, B. (2009), *Le tourisme intérieur chinois : approche géographique à partir de provinces du sud-ouest de la Chine*, Thèse de géographie, Université de la Rochelle.
- Thapa, B. (2004), "Tourism in Nepal", *Journal of Travel & Tourism Marketing*, 15:2-3, pp. 117-138. online: http://dx.doi.org/10.1300/J073v15n02_07
- Torri, D. (2019), *Landscape, Ritual and Identity among the Hyolmo of Nepal: The Buddha and the Drum*, Coll. Vitality of Indigenous Religions, Routledge.
- Upadhayaya, P.K. (2013), "Peace Sensitivity in Tourism codes of Conduct at Destination in Conflict: A Case Study of Partnership Actions in Pokhara, Western Nepal", in Wohlmuther C. & Wintersteiner W. (Eds.), *International Handbook on Tourism and Peace*. Klagenfurt, Drava. pp. 230-246. online: http://www.uni-klu.ac.at/frieden/downloads/International_Handbook_on_Tourism_and_Peace.pdf
- Wen, Z. (1997), "China's Domestic Tourism : Impetus, development and Trends". *Tourism Managment* n°18, pp. 565-571.
- Wu, B., Zhu, H., Xu, X. (2000), "Trends in China's domestic tourism development at the turn of the century" *International Journal of Contemporary Hospitality Management*, 12 (5), pp. 296-299.
- WTTC (World Travel & Tourism Council) (2018), Domestic Tourism. Importance and Economic Impact, en ligne : <https://www.wttc.org/-/media/files/reports/2018/domestic-tourism--importance--economic-impact-dec-18.pdf>
- Zurick, D.N. (1992), "Adventure Travel and Sustainable Tourism in the Peripheral Economy of Nepal", *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 82, n°4, pp. 608-628. online: ftp://ftp.puce.edu.ec/Facultades/CienciasHumanas/Ecoturismo/ArticulosTurismo/Art%C3%ADculos%20cient%C3%ADficos/Estudios%20de%20caso/turismo_aventura_nepal.pdf

ANEXOS

Anexo 1 - Referências de artigos na imprensa nepalesa em inglês referentes ao turismo doméstico (2015-2020, inventário não exaustivo)

Data	Jornal	Título do artigo	Autor
15/10/2015	<i>The Kathmandu Post</i>	Peak season attracts tourists to Mustang http://kathmandupost.ekantipur.com/news/2015-10-15/peak-season-attracts-tourists-to-mustang.html	Sharma S.

28/10/2016	<i>The Kathmandu Post</i>	Domestic adventure seekers throng Annapurna Circuit http://kathmandupost.ekantipur.com/news/2016-10-28/domestic-adventure-seekers-throng-annapurna-circuit.html	Sharma L.P.
29/12/2016	<i>The Kathmandu Post</i>	Upbeat Pokhara tourism looks forward to 2017 https://gloalkhabar.com/business/b-national/upbeat-pokhara-tourism-looks-forward-2017/	Prasain S.
2017	<i>Nepali Headlines</i>	Tap into reliable and stable domestic tourism https://nepaliheadlines.com/tap-reliable-stable-domestic-tourism/	Karki M.
21/04/2017	<i>The Himalayan Times</i>	Lomanthang attracting domestic tourists https://thehimalayantimes.com/nepal/lomanthang-attracting-domestic-tourists/	Rastriya Samachar Samiti
8/10/2017	<i>The Himalayan Times</i>	Destination Népal	Bashyal S.
6/10/2017	<i>The Kathmandu Post</i>	Tourism in Langtang on the upswing http://kathmandupost.ekantipur.com/news/2017-10-06/tourism-in-langtang-on-the-upswing.html (article papier publié en août 2017)	Ghimire B.
24/10/2018	<i>My Republica</i>	Domestic tourism on the rise during festive holidays https://myrepublica.nagariknetwork.com/news/domestic-tourism-on-the-rise-during-festive-holidays/	Pokharel S.
27/10/2018	<i>My Republica</i>	70 percent of guests at Sauraha hotels this season were Nepalese https://myrepublica.nagariknetwork.com/news/70-percent-of-guests-at-sauraha-hotels-this-season-were-nepalese/	Shrestha S.
01/11/2018	<i>My Republica</i>	Nepal sees domestic tourism boom ahead of Visit Nepal Year 2020 https://myrepublica.nagariknetwork.com/news/nepal-sees-domestic-tourism-boom-ahead-of-visit-nepal-year-2020-2/	Magar A.A.
11/11/2018	<i>My Republica</i>	Pokhara: A city of caves https://myrepublica.nagariknetwork.com/mycity/news/pokhara-a-city-of-caves	Basnet D.

20/02/2019	<i>My Republica</i>	Nepalis spent Rs 48b on foreign holidays https://myrepublica.nagariknetwork.com/news/nepalis-spent-rs-48b-on-foreign-holidays/	
15/04/2019	<i>My Republica</i>	Rupandehi sees internal tourism surge https://myrepublica.nagariknetwork.com/news/rupandehi-sees-internal-tourism-surge/	Pariyar B.
18/08/2019	<i>The Himalayan Times</i>	Developing domestic tourism https://thehimalayantimes.com/business/perspectives/developing-domestic-tourism/ (25/02/2020 pour la version en ligne)	
25/02/2020	<i>The Rising Nepal</i>	The Dynamics Of Domestic Tourism http://therisingnepal.org.np/news/26879	Dahal K.
25/02/2020	<i>The Kathmandu Post</i>	Where will Nepali travellers explore? Here are the top 10 destinations https://kathmandupost.com/money/2018/12/31/where-will-nepali-travellers-explore-here-are-the-top-10-destinations	
04/05/2020	<i>The Himalayan Times</i>	Provide discount on income tax to encourage domestic travel, urges NTB https://thehimalayantimes.com/business/provide-discount-on-income-tax-to-encourage-domestic-travel-urges-ntb/	Himalayan News Service
29/05/2020	<i>The Himalayan Times</i>	Travel leave to promote domestic tourism https://thehimalayantimes.com/business/travel-leave-to-promote-domestic-tourism/	Magar A.A.

NOTAS

1. Ao qual se soma precocemente um forte contingente japonês (24.600 turistas japoneses por ano em média entre 2001 e 2012 (fonte NTB), cuja participação oscila entre 8,4% (2002) e 3,6% (2011 e 2012) do total de chegadas internacionais ao Nepal).
2. O crescimento no número de chegadas internacionais é contínuo a longo prazo, apesar das fases temporárias de estagnação ou declínio, ligadas à guerra civil (1996-2006), o devastador terremoto de 2015 e, claro, a crise global de saúde em 2020.
3. Fonte: Government of Nepal, Ministry of Culture, Tourism & Civil Aviation, 2018. Nepal Tourism Statistics 2017, Planning & Evaluation Division Research & Statistical Section, Kathmandu, p.16). A título de comparação, a participação internacional do Nepal é pouco superior à estimada no mesmo ano (2017) para os Altos Pirenéus (0,9 milhões, fonte Observatório de Turismo - Ambiente de Turismo dos Altos Pirenéus).
4. Quase ausentes no início dos anos 1990, os chineses se tornaram a primeira clientela internacional depois dos indianos. Também atraídos pelas regiões do Himalaia, eles representam

